



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade                 | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |  |  |

## **Oswaldo Bratke e o projeto civilizatório da Icomi**

*Oswaldo Bratke and the Icomi's civilizing project*

*Oswaldo Bratke y el proyecto civilizador de la ICOMI*

CORREIA, Telma de Barros (1)

(1) Professora Doutora, IAU-USP, São Carlos, SP, Brasil; email: tcorreia@sc.usp.br

## Oswaldo Bratke e o projeto civilizatório da Icomi

*Oswaldo Bratke and the Icomi's civilizing project*

*Oswaldo Bratke y el proyecto civilizador de la Icomi*

### RESUMO

O artigo discute a filiação das soluções projetuais utilizadas por Oswaldo Bratke nos projetos para Serra do Navio e Vila Amazonas, contratados pela Icomi na década de 1950. Entende-se que se estes projetos de Bratke revelam-se inovadores na busca de soluções coerentes com o clima e as especificidades locais, mostraram-se extremamente conservadores com relação à concepção geral dos núcleos. Sob o último aspecto, foi incorporada uma rígida divisão social do espaço, adotadas estratégias de desenho visando promover segregação dos solteiros e evitar as concentrações dos moradores nos espaços públicos e sugeridas providências de gestão voltadas ao controle do tempo livre e ao combate ao ócio dos moradores. Em seus escritos sobre os dois projetos, Bratke revela simpatia pela rigorosa disciplina comum em assentamentos deste tipo, recomendando apenas que a empresa exerça seus controles de forma discreta. Tal postura, aliada aos procedimentos de projeto e gestão propostos por Bratke, são amparados no discurso do projetista na aposta numa ação civilizatória na selva por ele atribuída à Icomi, fundamentada numa noção de "cidade" como local limpo, disciplinado e seguro.

**PALAVRAS-CHAVE:** urbanismo moderno, empresas, gestão do trabalho

### ABSTRACT

*The paper discusses the sources of design solutions used by Oswaldo Bratke in the projects for Serra do Navio and Vila Amazonas. The projects were awarded by Icomi in the 1950's. It is understood that if Bratke's project reveals innovative design solutions consistent with the climate and local conditions, on the other side it shows to be extremely conservative about the overall design. It was adopted a rigid social division of space, design strategies to promote segregation of the singles and to avoid concentrations of residents in public spaces, suggested management measures to control the residents' free time. In his writings on the two projects, Bratke shows sympathy for the strict discipline which is common in settlements of this kind, recommending only that the company exercises discreetly its controls. This attitude and the design and management procedures proposed by Bratke, are supported by his belief in a civilizing action in the jungle as a result of Icomi's politics, based on a notion of "city" as a clean, orderly and safe place.*

**KEY-WORDS:** modern urbanism, companies, work management

### RESUMEN

*El artículo discute la fuente de las soluciones proyectivas utilizadas por Oswaldo Bratke en los proyectos para "Serra do Navio" y "Vila Amazonas", contratados por la Icomi en la década de los 1950. Se entiende que si el proyecto de Bratke se revela innovador en la búsqueda de soluciones proyectivas coherentes con el clima y las especificidades locales, también se muestra extremadamente conservador en relación a la concepción general del núcleo. Bajo ese último aspecto, el proyecto incorpora una rígida división social del espacio, adopta estrategias de diseño visando promover la segregación de las personas solteras y evitar las concentraciones de moradores en los espacios públicos, sugiriendo providencias de gestión volcadas hacia el control del tiempo libre y al combate al ocio de los moradores. En sus escrituras sobre los dos proyectos, Bratke revela simpatía por la rigurosa disciplina común en asentamientos de este tipo, recomendando apenas que la empresa ejerciese sus controles de forma discreta. Tal postura, aliada a los procedimientos de proyecto y gestión propuestos por Bratke, se ampara en el discurso del proyectista en la apuesta en una acción civilizatoria en la selva atribuida por él a la Icomi, fundamentada en una noción de "ciudad" como lugar limpio, disciplinado y seguro.*

**PALABRAS-CLAVE:** urbanismo moderno, empresas, gestión del trabajo

## 1 INTRODUÇÃO

Na historiografia de arquitetura e urbanismo brasileira os núcleos residenciais de Serra do Navio e Vila Amazonas - erguidos pela Icomi integrando um empreendimento voltado à extração e beneficiamento de manganês e projetados pelo escritório de Oswaldo Bratke na década de 1950 - se consagraram como exemplos de projetos inovadores. Foram objeto de admiração de visitantes e de curiosidade de especialistas. Entre seus entusiastas está a escritora Raquel de Queiroz, que em matéria publicada na revista O Cruzeiro em 1965, mencionava as “... *duas pequenas cidades que parecem o sonho de um urbanista lírico* (RIBEIRO, 1992, 84-85). Várias pesquisas no campo da arquitetura e do urbanismo – como as desenvolvidas por Flávio e Marta Farah, José Fleury de Oliveira, Benjamim Ribeiro, Hugo Segawa e Mônica Junqueira - enfatizaram suas qualidades de conforto ambiental. Outro aspecto digno de nota foi a oportunidade rara que estes projetos ofereceram ao escritório de Oswaldo Bratke de realizar um plano integral, incluindo projetos de arquitetura, urbanismo, paisagismo e mobiliário.

Sem querer negar os aspectos inovadores presentes nestes projetos, este artigo volta-se à análise da filiação das soluções de projeto e de gestão dos núcleos residenciais concebidos por Bratke, buscando mostrar como algumas delas mostram-se intimamente vinculadas a procedimentos usuais na história de assentamentos desta natureza, os quais se revelam restritivos quanto à autonomia de seus moradores.

Serra do Navio e Vila Amazonas já tiveram seus planos urbanísticos amplamente descritos, estudados e analisados pelos autores citados neste artigo, de modo que cabe aqui apenas uma breve menção às suas características. Os dois núcleos residenciais projetados tinham o mesmo porte (previsão de 2500 moradores), programas semelhantes e diretrizes projetuais coincidentes em vários aspectos. Tiveram o espaço estruturado em cinco zonas de usos: habitacional operária; residência de solteiros; residencial para chefes incluindo clube e hotel; equipamentos coletivos e comércio; e esportes. Sobrepondo-se às zonas havia dois setores; um destinado aos dirigentes e outro aos operários, os quais se diferenciam pelos modelos e tamanhos das casas, pela densidade de ocupação e pelo desenho viário. O setor destinado aos chefes tinha uma maior proporção de áreas verdes e algumas vias internas em *cul-de-sac*. Em ambos procedeu-se a uma divisão das vias entre as de distribuição - no contorno das superquadras – e as internas para pedestres e veículos. As residências de solteiros, situadas próximas aos equipamentos coletivos, reuniam blocos destinados a dormitórios, refeitório e sala de estar, interligados por passarelas. Uma praça cívica foi criada nos dois casos articulando em torno de si equipamentos coletivos, como repartições diversas, lojas e supermercado, administração da vila, igreja e clube. As áreas livres foram gramadas, ajardinadas e arborizadas com árvores decorativas ou frutíferas e sem cercas delimitando os jardins frontais das casas. Os dois núcleos diferenciam-se, basicamente, na relação que a Vila Amazonas estabelece com o rio e pela menor distância entre os dois setores existentes neste núcleo.

Serra do Navio, contava com cerca de 550 casas, alojamentos para solteiros, hotel, escola de primeiro grau, igreja, local para comércio e serviços, cinema, clube com cine teatro, clube esportivo, centro médico, administração local e sala do conselho, agência de correio, cartório, juizado de paz, delegacia e cadeia, banco, cemitério e velório. Era um núcleo residencial isolado, situado junto à mina, na selva, com acesso possível apenas pela estrada de ferro da ICOMI. Nele, o setor destinado aos chefes se subdividia em três áreas ocupadas: por casas do tipo DD; do tipo CC; e por alojamento masculino e feminino, hotel e clube. O outro setor se

achava dividido em quatro áreas ocupadas: por casas do tipo B e C; do tipo A; por restaurante e alojamentos para solteiros; e, em ponto central, por equipamentos coletivos - escola, clube, administração e local para comércio. Numa das extremidades deste setor foi implantado o hospital. Entre os dois setores foi disposta uma área para esportes.

A Vila Amazonas tinha um programa um pouco mais restrito: moradias, alojamentos para solteiros, hotel, escola, igreja, local para comércio, cinema, clube e centro médico. Nela o setor reservado aos dirigentes, pessoal de nível administrativo e universitário contava com dois tipos de casas, alojamentos para solteiros, hotel e clube. Além de padrão construtivo superior, este setor foi privilegiado em termos paisagísticos: foi implantado nas margens do Rio Amazonas, tinha maior proporção de áreas verdes e vias terminando em cul-de-sac. O setor destinado aos operários reunia moradias, escola, local para comércio e serviços. O hospital foi implantado entre os dois setores, enquanto uma área para esportes foi criada nas margens do rio.

## **2 A FILIAÇÃO DAS SOLUÇÕES**

Para as decisões projetuais adotadas em Serra do Navio e Vila Amazonas duas questões são centrais: a economia de meios, coerente com a natureza capitalista do empreendimento, e a busca de adequação às condições locais.

A economia, ao lado da busca de garantir conforto em uma região de clima quente e úmido, orientou alguns aspectos do projeto das casas, semelhantes nos dois núcleos - as maiores isoladas e as demais geminadas duas a duas. Segundo o arquiteto,

Debatida a questão planta e elevação das casas operárias, chegou-se à conclusão de que seria mais prático, tendo em vista a manutenção, reduzir ao mínimo as variações de planta que, combinadas com poucas variações de fachada, dariam um conjunto movimentado em formas e cores (BRATKE apud SEGAWA, 1997, 285).

Assim, criaram-se alojamentos para solteiros e seis tipos de casas que se diferenciavam em relação a tamanho, número de peças e acabamentos, conforme o morador a que se destinavam, mas que tinham em comum o compromisso com padrões de conforto. Havia dois tipos de casas para cada categoria de morador: operários, pessoal de nível intermediário e chefes (um para engenheiros e outro para diretores). Para evitar a monotonia, foram introduzidas pequenas variações nas fachadas de casas semelhantes, inclusive através da pintura do exterior com certa variedade de cores.

A adequação ao clima quente e úmido da região orientou uma série de soluções projetuais que privilegiavam a ventilação e a proteção dos interiores contra o sol: amplos beirais (com até 1,5 m de largura); venezianas móveis ou fixas de madeira; elementos vazados; terraços; paredes internas descoladas do teto; galerias cobertas interligando os blocos de prédios de uso coletivo. Nas residências, o rasgo entre parede e teto impõe demandas de circulação de ar, sobre outras referentes a isolamento e privacidade. Caixilhos de vidro foram abolidos. Para favorecer a ventilação cruzada no interior das casas, estas foram dispostas privilegiando aberturas nas fachadas voltadas ao norte e ao sul, que correspondiam às suas fachadas frontais e posteriores. Não se integram neste esforço os blocos de concreto das paredes e as telhas de cimento amianto. Entretanto, para amenizar o aquecimento dos interiores associado a estas telhas, foi criada uma abertura nos beirais, que permitia a criação de um colchão de ar entre o forro e as telhas.

A busca de economia e de adequação às condições locais foram mobilizadas para justificar várias decisões: oferecimento das casas já providas com móveis e luminárias desenhados pelo arquiteto e em alguns casos produzidos em oficinas montadas no próprio local; redução de obras de concreto devido à escassez de materiais adequados na região; uso de madeiras da região em pisos, foros, esquadrias e estruturas; disposição contígua dos cômodos com instalação de água e esgotos permitindo a criação de paredes hidráulicas.

Os planos mobilizaram soluções projetuais difundidas no âmbito dos CIAMs e do movimento das cidades-jardim, assim concepções de organização e gestão do espaço e do cotidiano inerentes à tradição das *company towns*.

Do urbanismo dos CIAMs e do movimento cidade-jardim, recuperou-se: a profusão de áreas verdes de uso coletivo gramadas, ajardinadas e arborizadas; a eliminação de cercas nos jardins frontais das casas; o sistema viário hierarquizado, com vias de distribuição envolvendo superquadras e vielas internas para pedestres e veículos (em situações emergenciais); a criação de um centro cívico-comercial, reunindo comércio e equipamentos coletivos; e a recuperação da ideia de unidade de vizinhança com nenhum equipamento de uso coletivo se distanciando mais de 500 metros das casas, com exceção do hospital que - conforme práticas sanitárias consagradas - foi disposto em local isolado.

Das *company towns* – algumas pertencentes às empresas americanas United Steel e Bethlehem Steel visitadas por Bratke na Venezuela, Chile, Colômbia e Caribe antes de iniciar os projetos para a ICOMI (CAMARGO, 2008, 9-10) – os dois planos recuperaram fundamentos básicos projetuais e de gestão. Tais fundamentos, em termos de desenho, dizem respeito à divisão social do espaço, à hierarquização das moradias, à ampla profusão de áreas verdes solidária com a dispersão das construções e as baixas densidades e à segregação das áreas destinadas aos solteiros. Em termos de gestão, a inspiração revela-se nas preocupações com o uso do tempo livre, com o combate ao ócio e com o controle do uso das áreas coletivas.

Assim, embora considerasse uma medida que “poderia parecer discriminária”, Bratke não hesitou em estabelecer uma rígida divisão social do espaço, dividindo as vilas em dois setores residenciais: um para os dirigentes e outro para os operários, cada um deles com casas de diferentes modelos e tamanhos. Dentro dos setores, a segmentação social prossegue, com uma divisão em subsetores: para operários “qualificados” e “não qualificados”; para os funcionários de nível superior e administrativo. Cada um dos dois setores tinha clube e alojamentos para solteiros voltados exclusivamente para a categoria funcional a que se destinava o setor. Esta divisão social do espaço também se configura, conforme assinalou Roberta Rodrigues, em termos de cotas: com os terrenos de cota mais alta sendo ocupados pelas casas dos engenheiros e diretores e os de cota inferior sendo ocupados pelas casas dos operários, pelas moradias do pessoal de nível intermediário, por equipamentos urbanos, por mercado, por centro cívico, etc. (RODRIGUES, 2001, 100).

A diversidade de padrão das moradias oferecidas às diferentes categorias de moradores, para o arquiteto, embora aparentemente “*antipática e discriminatória*”, se justificava pelas condições culturais e econômicas e pelas aspirações diferenciadas entre o homem pobre da região que compôs o quadro de operários da empresa e o “pessoal categorizado” empregado, vindo geralmente de outras regiões. Entende que os primeiros acostumados a moradias precárias se contentariam com casas econômicas e confortáveis. Já aos últimos seria necessário oferecer maiores atrativos para mantê-los no local, entre os quais “*a possibilidade de habitar uma casa dotada de todo conforto e, até de luxo*” (BRATKE, 1966, 4). Atento ao

padrão de moradia da população trabalhadora local que seria arregimentada pela ICOMI, como revelam os desenhos de ranchos que elaborou, Bratke introduziu nos projetos de moradias para trabalhadores arranjos internos - como a abertura dos sanitários para as áreas de serviços - que podem ser interpretados como indício de adequação dos projetos aos costumes do morador. Entretanto, a proposta de diversas tipologias de casas com tamanho, número de cômodos e acabamentos diferenciados, não pode ser atribuída a sensibilidade aos costumes locais. Trata-se de procedimento correlato à divisão social do espaço, que busca refletir no espaço a posição do morador na hierarquia da empresa e que foi frequente neste tipo de assentamento.

A dispersão das construções e as baixas densidades, coerentes com a busca de desfazer concentrações de pessoas e atividades, é um aspecto essencial da estrutura usual dos núcleos fabris, recuperado por Bratke. No caso de Serra do Navio, esta característica é intensificada pelo grande espaço vazio reservado entre os dois setores. A dispersão, assim como a quebra da monotonia, também foi favorecida pela criação de pequenas praças pela disposição intercalada com avanços e recuos de casas orientadas no sentido leste-oeste. Ao justificar estas praças, Bratke recorre a outro procedimento típico de núcleos de empresas, a dispersão dos moradores:

... pode-se formar espaços íntimos e agradáveis, como praças de encontros e de brinquedos para as crianças dos conjuntos dessas unidades, evitando as concentrações das mesmas nos espaços públicos, junto aos clubes, centros de compras, etc. (BRATKE apud SEGAWA, 1997, 282).

O projeto resgata procedimentos usuais em assentamentos deste tipo desde o século XIX, como a busca de isolar e segregar os solteiros. Nas palavras do arquiteto,

Dedicou-se especial atenção ao planejamento para os solteiros, particularmente em seu tempo livre. Todas as construções para solteiros têm amplos terraços cobertos para circulação, além de salas de estar. Clubes foram organizados a fim de que os solteiros dispusessem de locais para se divertirem por sua conta, sem invadir ou serem inibidos pelas atividades gerais (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, 67).

A localização dos alojamentos de solteiros em relação às residências de famílias assume importância de caráter moral, em localidades de rotina monótona. Estudado sob este aspecto, deve ser orientado o projeto em relação à localização das mesmas, evitando-se ainda a passagem obrigatória dos solteiros para acesso aos centros de interesse comum, às zonas de trabalho, através do grupo de residências ou vice-versa (BRATKE apud SEGAWA, 1997, 284).

Para os moradores em geral, o arquiteto recupera as preocupações com o controle do tempo livre e com o combate ao ócio, comuns neste tipo de assentamento. Também sugere procedimentos – como os concursos de jardins – que foram amplamente utilizados desde o século XIX em núcleos fabris no Brasil e em outros países. Bratke propõe que especialistas organizem ações deste tipo, vinculando-se a uma tendência de profissionalização dos serviços de assistência que foi correlata à difusão do taylorismo, também denunciada no uso pelo arquiteto de noções como eficiência e espírito de competição:

É recomendável, para o convívio amistoso e duradouro em vilas como essa do Amapá, a contratação de especialistas em Relações Sociais e promotor de atividades esportivas, sociais para tornar mais cheios os momentos de ócio, evitando-se assim uma apatia nociva à vida em sociedade. Criar o espírito de competição em favor da manutenção da coisa pública e da própria casa. Estabelecer para esse fim concursos semestrais ou anuais de conservação de casas, de manutenção do verde público, de eficiência no aproveitamento dos quintais, de conservação de árvores etc. (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, 72).

Bratke propõe criar em caráter experimental, o uso coletivo de pátios junto às casas (na parte posterior do terreno), através de hortas, pomares e criação de galinhas, justificadas “*como elemento útil ao orçamento da família e distração*” (BRATKE apud SEGAWA, 1997, 283). Este

também não é um procedimento inovador na história de núcleos empresariais. Foi adotado desde o século XIX na Inglaterra, em Port Sunlight e em New Earswick, por exemplo. No Brasil, foi adotado pela Brasital em Salto, com o nome de “quintalão”. Trata-se de instrumento voltado principalmente ao controle do tempo livre. Bratke recomenda que seja “*estabelecida uma disciplina severa de uso*” destes pátios coletivos, pela qual a desobediência aos regulamentos poderia acarretar a perda do direito de uso deles pelos moradores e a remoção de coisas neles depositadas. O uso da expressão “disciplina severa” acima é mais um indício da adesão do arquiteto à lógica de controle do núcleo de empresa.

Outro instrumento comum na história de núcleos empresariais recomendado por Bratke, no sentido de estimular nos moradores a busca de um padrão de ordem e conservação das casas, diz respeito à realização de concursos semestrais ou anuais, premiando aspectos como a conservação das casas e a manutenção de quintais e espaços verdes.

Sobre Serra do Navio - acessível apenas pela estrada de ferro da ICOMI – Bratke se solidariza com a ideia de isolamento comum aos núcleos empresariais. Assim, defende não ser recomendada “*a presença de estranhos nessa zona*” (SEGAWA, 1997, 277). Ao contrário, a Vila Amazonas é tratada como um núcleo que deveria sair do controle da ICOMI, se integrando com localidades vizinhas e se tornando acessível a não empregados da empresa. Entre as duas, a forma inicial é semelhante, mas a diferença em termos de conceito urbano é radical: uma é um típico núcleo empresarial; outra é um núcleo inicial destinado a se tornar um centro portuário.

Coerente com os propósitos de isolamento que costumam presidir projetos desta natureza, ambas as vilas foram pensadas como comunidades auto suficientes e capazes de contribuir para atrair e reter empregados de diferentes categorias para a empresa.

Outra tradição dos núcleos de empresas recuperada diz respeito ao uso de nomes que remetem à atividade produtiva para batizar lugares como, por exemplo, o “Maganês Esporte Clube”.

A ideia da influência civilizadora sobre o pobre do convívio com “pessoas educadas” foi amplamente mobilizada na história dos núcleos fabris desde o século XIX. Esta noção do efeito da demonstração do modo de ser e viver dos “educados” sobre os demais, é central no “projeto civilizador” de Bratke e é recuperada por ele através da sugestão de criação de um “clube de senhoras” e de uma escola artesanal, que teriam – conforme o arquiteto – a finalidade de

... congregar as donas de casa, levando o benefício de conhecimentos das de padrão mais elevado às outras, de condições menos favorecidas, transmitindo ensinamentos de costura, manejo de cozinha, boas maneiras, etc. (BRATKE apud SEGAWA, 1997, 295).

Para os operários – que ocupavam mais de 80% das casas, distribuídas em torno de área que concentra prédios de uso coletivo - o arquiteto recomendava a venda das casas, desde que condicionada à imposição de regulamentos referentes à conservação das moradias e seus terrenos anexos (SEGAWA, 1997, 279). Sugeriu que os serviços de saúde, lazer e educação, deveriam ser geridos pela ICOMI, embora considerasse ideal serem terceirizados. Já as casas no setor destinado a funcionários e chefes – assim como os alojamentos para solteiros – deveriam, conforme Bratke, permanecer de propriedade da empresa. O arquiteto considerava que, administrado de forma exemplar por uma organização especializada nesse mister, este setor serviria de exemplo aos moradores do outro setor, isto é aos operários que haveriam de adquirir suas casas.

### 3 UM ARQUITETO, UM CLIENTE E UM PROJETO CIVILIZATÓRIO

Os planos e os depoimentos e escritos de Bratke expressam uma visão de cidade próxima da ordem dos núcleos empresariais, e que se expressou de forma clara e sintética no Relatório Justificativo do projeto, escrito entre 1955 e 1956, onde Bratke defendia que:

Idealmente, uma cidade é uma associação de indivíduos, com o fim de propiciar bem-estar a todos os seus componentes, representados pela segurança pessoal, saúde, educação, respeito mútuo, conforto, etc. (BRATKE apud SEGAWA, 1997, 276).

É a cidade como local limpo, disciplinado e seguro. Esta cidade ideal reúne preceitos sanitaristas e disciplinares amplamente difundidos no século XIX e uma noção de segurança central em núcleos de empresas. Dela estão afastadas as ideias de cidade como local de conflitos, contradições, diversidade, formas complexas e intensas de sociabilidade e, especialmente, todas as noções que articulam a vida urbana à ideia de autonomia e liberdade.

Bratke também compartilha com seu contratante a noção do empreendimento que os vinculava como modelar. O contrato de serviços, feito em 1955, com o arquiteto, revela a pretensão da empresa de, através do plano dos núcleos residenciais, realizar uma ação que julgava civilizadora em meio à floresta. Em um parágrafo do referido contrato consta que:

Tendo em consideração o elevado valor e a magnitude das obras e, bem assim, a necessidade da escolha de um profissional que, além de reconhecida capacidade técnica e idoneidade moral, bem compreendesse a excepcional significação social do projeto em apreço, que constitui realmente um trabalho pioneiro, que irá levar os benefícios da civilização a uma região despovoada, em plena selva amazônica... (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, 21).

Tal sintonia teria permitido a Bratke - ou lhe propiciado a impressão de permitir - grande autonomia no trabalho de concepção:

Uma das recomendações do dr. Antunes, quando me contratou, foi essa: ele queria um núcleo urbano de excelente qualidade; que pudesse servir de modelo, no país, a futuros empreendimentos do mesmo tipo. A ICOMI daria ao arquiteto ampla liberdade de trabalho, para que tal objetivo fosse atingido (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, 22).

O projeto, em sua totalidade, não sofreu imposições por parte do cliente quanto a formas ou materiais, pois era sua intenção atender, da maneira mais adequada, os requisitos necessários para o bem estar de seus dependentes e, com a experiência, tirar ensinamentos para o problema dos núcleos habitacionais na região amazônica (BRATKE, 1966, 3).

É surpreendente o otimismo das expectativas de Bratke com relação às vilas:

Mantendo-a restrita ao uso da população de empregados da empresa, habituados à disciplina hierárquica, esses logo se adaptam às obrigações e aos regulamentos, simplificando a administração e a manutenção. Bem dirigida, torna-se uma escola de vida gregária, de responsabilidade e respeito mútuos. A presença de uma Companhia dirigindo e administrando essas comunidades deve ser discreta, para não ser antipática (BRATKE apud RIBEIRO, 1992, 36).

Acima, o arquiteto, revela simpatia pela rigorosa disciplina comum em assentamentos deste tipo, recomendando apenas que a empresa exerça seus controles de forma discreta. Contratado para propor uma base espacial para um projeto de ordem social, Bratke assume seu projeto como parte desta ordem, que concebe como uma mistura de “vida gregária” e respeito a regulamentos. A boa administração, entretanto, não se funda em autonomia e autodeterminação. Ao contrário, baseia-se na ação de direção da Companhia.

O modelo de civilização proposto para a floresta fundamentava-se em um projeto imposto do exterior, por agentes apoiados no poder e legitimados pelo conhecimento técnico. Neste sentido, não foge à lógica dos projetos civilizatórios que o país conheceu desde o período



colonial. Se no início da colonização, a ação civilizatória articulava o Estado Português, senhores de terras e Igreja, agora ele articula empresa e técnicos, entre os quais arquitetos e engenheiros. Aos últimos coube traduzir em projetos, demandas de segurança, salubridade e ordem, coerentes com a eficiência na conquista de novos territórios pelo capitalismo.

## REFERÊNCIAS

- BRATKE, Oswaldo Arthur. Núcleos Habitacionais no Amapá. Acrópole. N 326. Março de 1966. pp. 1-22.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. Princípios de Arquitetura Moderna na Obra de Oswaldo Arthur Bratke. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2000. Tese de Doutorado.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. Vila Amazonas e Serra do Navio. Por que tombar? DOCOMOMO Nordeste, 2008.
- CORREIA, Telma de Barros. A Iniciativa Privada e a Transformação do Espaço Urbano e do Território: Brasil, Década de 1950. Anais do XIII Encontro Nacional da ANPUR. CD-ROM. Florianópolis, maio de 2009.
- FARAH, Flavio & FARAH, Marta Ferreira Santos. Vilas de mineração e de barragens no Brasil: retrato de uma época. São Paulo, ITP, 1993.
- MEURS, Paul. Cenário: Vila Serra do Navio: é hora de tombar a cidade. AU Arquitetura & Urbanismo, São Paulo, N 82, fev.-mar. 1999. p.20.
- OLIVEIRA, J. L. Fleury de. Amazônia: proposta para uma ecoarquitetura. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1989. Tese de Doutorado.
- RIBEIRO, Benjamin Adiron. Vila Serra do Navio: Comunidade Urbana na Selva Amazônica: um projeto do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke. São Paulo, Pini, 1992.
- RODRIGUES, Roberta Menezes. Company Towns e empresas de extração e transformação mineral na Amazônia Oriental: especificidades, processos e transformações de um modelo urbanístico. Belém, UFPA-NAEA, 2001. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento Regional.
- SEGAWA, Hugo & WISSENBACH, Vicente. Oswaldo Arthur Bratke. São Paulo, ProEditores, 1997.